

**AS INTERLOCUÇÕES DO MEMORIAL DO COLÉGIO FARROUPILHA DE  
PORTO ALEGRE/RS NO CAMPO EDUCATIVO, DA PESQUISA E DOS  
OBJETOS DE COLEÇÃO**

Alice Rigoni Jacques  
Pós-doutoranda em Educação  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
[alice\\_rigoni@hotmail.com](mailto:alice_rigoni@hotmail.com)

**Introdução**

O arquivo é excesso de sentido quando aquele que o lê sente a beleza, o assombro e um certo abalo emocional. Esse lugar é secreto, diferente para cada um, porém, em todo itinerário ocorrem encontros que facilitam o acesso a ele e, sobretudo, à sua expressão (FARGE, 2009, p. 36).

Ao introduzir o estudo sobre o Memorial do Colégio Farroupilha, considera-se por bem lançarmos um olhar para além de um lugar apenas de contemplação, mas como um espaço de matizes e tessituras sentimentais, carregado de beleza e significados que suscitam múltiplas emoções. Não somente impressões físicas são despertadas ao nos aproximarmos dos objetos e documentos ali expostos, mas sobretudo o que mais aproxima este lugar dos pesquisadores são as interlocuções que podem ser inferidas com os artefatos da cultura escolar e a imersão de tudo o que poderia ser apreendido rompendo o silêncio de tantos sussurros, a partir dos fragmentos de frases e histórias encontradas. A organização do arquivo do Memorial do Colégio Farroupilha, surgiu da necessidade de preservar a memória da escola e de sua mantenedora, bem como promover o encontro entre pesquisa e atividade pedagógica, por meio da integração dos diferentes agentes das práticas escolares na produção do conhecimento histórico.

Trabalhar com a história das instituições de ensino entendidas como “Escolas”, não é tarefa fácil, pois não podemos correr o risco de apenas desenterrar histórias e vultos significativos do passado da instituição escolar, como afirmam Nosella e Buffa (2009, p. 30). Mesmo as pessoas sentindo vontade/necessidade de vasculhar o passado, esse conhecimento, segundo os autores, cumpre a finalidade de transcender o imediato, o útil, a banalidade do cotidiano. Este “ir além” cultural é uma necessidade que faz parte da dimensão estética do homem cuja essência é a transcendência do imediatismo (p. 36).

Portanto, esses lugares de memória buscam evitar o esquecimento por meio da construção de laços de identidade. Assim, identidade e memória se tornam componentes essenciais da interação social, e, por isso, não poderiam estar ausentes dos espaços museológicos que pretendam dar conta dos aspectos fundamentais de uma sociedade viva, quer seja no presente ou no passado<sup>1</sup>. Nessa perspectiva, a memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza-o cronologicamente, pois lembrar não é apenas reviver, mas refazer, reconstruir com imagens e ideias de hoje as experiências do passado (JACQUES e ALMEIDA, 2014, p. 1-2).

Para chegar inicialmente à concretização de um espaço museológico e de preservação, é necessário destacar que os museus e, especialmente, o Memorial do Colégio Farroupilha, enquanto espaço de memórias e referências culturais, possibilitam o exercício individual e coletivo do sentimento de pertencimento, visto que através do patrimônio cultural o indivíduo é capaz de reconhecer-se membro de uma coletividade que partilha especificidades e particularidades.

Nesses lugares de memória, Jacques e Almeida, destacam que a cultura escolar está presente, permitindo ter acesso ao passado através de vestígios que foram deixados e selecionados, indícios não apagados que representam a vida das instituições escolares e de seus atores sociais. Os escritos ordinários, escritos escolares, imagens, mobiliário, uniformes, memórias orais, entre outros artefatos, considerados patrimônios da educação, contam um pouco da história da instituição, revelam concepções educacionais e geracionais de um determinado tempo e lugar e fazem interlocuções com a história da cidade e do país (2014, p. 2).

Nessa clave, o Colégio Farroupilha ao longo de seus 133 anos sempre esteve preocupado em preservar a história da instituição. Mesmo mantendo guardado parte do patrimônio histórico escolar em salas ditas “arquivos mortos”, este foi fundamental para a constituição do seu Memorial.

No Brasil, a primeira lei de proteção do patrimônio cultural do País, conhecida como Lei do Tombamento (Decreto-Lei nº 25), data de 30/11/1937. No Colégio Farroupilha, a ideia da instituição em preservar seu patrimônio histórico escolar já

---

<sup>1</sup> Interessante mencionar os três volumes de “Tempos de Escola. Memórias”, organizados por Beatriz Daudt Fischer (2011; 2012), que professores e pesquisadores narram suas lembranças escolares.

permeava os registros escritos nas atas do Conselho Escolar, desde a década de 1940. Essa preocupação talvez decorreu das ações governamentais no período do “Estado Novo” e da nacionalização do ensino. Como uma instituição fundada por imigrantes alemães, seus diretores e conselheiros já discutiam as possibilidades de manter viva a história da instituição criando um museu escolar, porém nas atas analisadas não está especificado o tipo de museu que pretendiam fomentar.

Acreditamos que o colégio e sua mantenedora ao longo de todos esses anos, de certa forma se preocupou com a preservação dos seus documentos e artefatos escolares, pois mantinham guardados em salas e armários muitos objetos pertencentes a sua cultura escolar, e que, alguns anos depois foram acolhidos no seu lugar de memória.

Assim, situa-se a criação do Memorial, cuja denominação decorre do nome original da ABE em alemão - *Deutscher Hilfsverein* (Sociedade Beneficente Alemã). A expressão “Memorial” foi uma escolha do presidente da mantenedora à época - Jorge Guilherme Bertschinger -, que entendia que o espaço deveria constituir-se em um “lugar de memória”<sup>2</sup>, resultado de uma organização planejada, com o objetivo de sacralização da instituição e dos sujeitos que a constituíram e continuam este processo. A Ata nº 517 da reunião do Conselho Escolar-Administrativo da ABE, de 10 de junho de 2002, registra a inauguração do Memorial (BASTOS e JACQUES, 2014, p. 54).

Atualmente, alguns livros didáticos de História e Geografia já contemplam e incentivam os professores na criação e organização de museus escolares, destacando procedimentos e metodologias de preservação de acervos<sup>3</sup>. Nas matrizes curriculares há

---

<sup>2</sup> Na acepção de Pierre Nora (1984, p. XXIV), compreende: lugares materiais, em que a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; lugares funcionais, por que têm ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas; lugares simbólicos, onde a memória coletiva se expressa e se revela.

<sup>3</sup> Inicialmente é lançado um projeto envolvendo os estudantes, que pode ser intitulado “Nossa escola tem história”. A partir do projeto os estudantes são levados a aprender e compreender o que é documento e o que é arquivo. Para auxiliar nesta compreensão, podem ser analisados os *arquivos pessoais* que compreendem os documentos guardados de cada estudante: certidão de nascimento, título de eleitor, carteira de identidade, álbuns de fotografias etc. Em seguida analisam-se os documentos da escola: decretos, regimento escolar, cartas, periódicos, fotografias, diários, cadernos, uniformes, etc. Através desta análise, os estudantes encontrarão pistas para compreender a história da escola. Nesse caso, podem organizar um boletim informativo a partir dos dados levantados: fundação da escola, sua relação com a história do bairro e da cidade, as diferentes gerações que ali passaram, o destaque obtido por ex-alunos como profissionais. Também podem realizar entrevistas a ex-alunos levando os jovens pesquisadores a perceber que todos têm histórias ou um episódio inesquecível a contar a respeito dos seus tempos de estudantes. A organização de um glossário pode introduzir e facilitar a compreensão de alguns termos técnicos da arquivologia. Por fim, a escolha de um local adequado para guardar os documentos, onde eles possam ficar em segurança o maior tempo possível.

o empenho dos professores em fazer com que seus estudantes passem a analisar documentos (cartas familiares, documentos de hospitais, certidão de nascimento, etc.), observando sua importância e a época em que foram produzidos, bem como analisar documentos produzidos em diversos suportes técnicos e tecnológicos (visuais, textos oficiais e não oficiais, hipertextos, etc.), compreendendo sua importância para a constituição da própria história com o uso da linha de tempo.

O presente estudo tem por objetivo discutir a importância do Memorial do Colégio Farroupilha como local de guarda do patrimônio da escola, material e imaterial<sup>4</sup>, como espaço de pesquisa, envolvendo estudantes e professores do colégio e de outras instituições de ensino, especialmente de universidades e, simultaneamente, como espaço educativo e pedagógico. Nessa perspectiva, defendemos que os arquivos escolares sejam locais proficientes de trabalho para pesquisadores, professores e estudantes, interessados em entranhar-se na memória local, bem como espaços para estimular diálogos entre a universidade e a escola, e entre esta e a comunidade. Percebe-se a potencialidade do arquivo do Colégio Farroupilha pela quantidade e variedade de documentos e artefatos escolares disponíveis para pesquisa e pelo número de produções científicas desenvolvidas em diferentes instituições de ensino superior.

Essa multiplicidade de funções a que se propõe o Memorial implica numa pluralidade de atividades, que incluem, entre outras, localização e seleção de documentos, seu processamento, formas de divulgação e socialização. Pressupõe ainda uma abordagem pluridimensional, capaz de dar conta dos desafios impostos pela totalidade. Assim, o objetivo não é ensinar história, tal qual um manual, sua função está em mostrar o processo histórico que os sujeitos vivenciaram, bem como ensinar a historicidade do mundo em que estamos inseridos. Os sujeitos e os objetos são pontos de partida para trabalharmos a história como problema. Para Ulpiano de Meneses (2011, p. 418): “um museu de história deve ser um museu de problemas e não de coisas históricas”. Essa percepção entende o museu como espaço educativo e de pesquisa, identificando-o como um laboratório de experiências.

---

<sup>4</sup> Sobre patrimônio imaterial Levi-Staruss (2001) define como uma infinidade de manifestações portadoras de valores profundos da vida de uma população ou de uma comunidade. A literatura oral, os conhecimentos tradicionais, os saberes, os sistemas de valores, as artes de representar e as línguas constituem estas diversas formas de expressão que são as fontes fundamentais da identidade cultural dos povos” (p.25).

Para Jacques e Almeida (2014, p. 3), importa reconhecer a escola como produtora de patrimônios, como “lugar de memória” (NORA, 1993), entendimento este que amplia o conceito de patrimônio para além do que se encontra institucionalizado ou protegido pelas políticas de Tombamento, Registro e Chancela, por exemplo. As experiências coletivas e cotidianas de diferentes grupos questionam a ideia de patrimônio associada ao monumento sacralizado, à memória nacional e aos bens de excepcional valor. Portanto, o museu escolar e suas coleções devem dialogar com diversos tipos de públicos, oportunizando uma experiência que busca a compreensão da história como um processo.

### **O Memorial como guarda dos patrimônios da escola: espaço museológico e de preservação**

Adentrar no espaço do Memorial, e se deparar com uma infinidade de objetos de coleções, permite a cada visitante uma viagem no tempo. Nesse sentido, chama atenção o modo como os sujeitos interagem com os artefatos, por exemplo, quando entrevistas são realizadas por pesquisadores com ex-alunos, e o velho estudante pode ver a maquete da sua antiga escola, fotografias e boletins, entre outros artefatos que suscitam lembranças de um tempo que não existe mais, se não na memória e nos vestígios preservados.

Esse sentimento de pertença para com a escola não se restringe aos velhos estudantes. Os painéis do ambiente, no qual estão inscritos os nomes dos ex-alunos formados na instituição entre 1920 e 2012, entretém e dão mostras de uma tradição, visto que os visitantes fazem deles um grande caça-palavras na busca pelo nome dos pais e avós. Muitas das oficinas realizadas no Memorial contam a história da imigração alemã e a trajetória da instituição. Dessa forma, o estudante, é inserido nesse contexto e passa a se sentir parte da história.

O patrimônio cultural, especificamente os objetos de coleção colaboram para que todos sintam-se membros dessa coletividade, percebendo que esses bens lhes pertencem, têm significados e lembranças, lhes representam enquanto sujeitos desta história, pois fizeram parte de momentos específicos, deixaram suas marcas e percepções, compartilharam experiências, integraram e sentiram-se membros dessa coletividade. Construíram sua própria identidade que, para Guarnieri (1990, p. 41), a identidade

cultural está, assim, muito intimamente ligada à vida e à história dos homens, bem como à consciência que eles têm de si mesmos.

Nesse viés de reconstrução de identidades, de marcas e de percepções, o Memorial do Colégio Farroupilha se constituiu. Os primeiros passos para a organização deste lugar de memória se deu pelas professoras, Alice Rigoni Jacques e Adenir Dreher da Silva, em março de 2002, data que começaram a recolha de materiais e o tombamento do arquivo inativo<sup>5</sup>. Os documentos, objetos e materiais escolares foram separados, higienizados e restaurados, partindo para a catalogação, registro e arquivamento. Não começaram do nada, visto que, mesmo nos “arquivos mortos”, o colégio já realizava a guarda de alguns objetos e documentos, desde quando a escola era localizada no centro histórico da cidade. Agora, por que guardavam, o que guardavam e como guardavam são perguntas que suscitam curiosidades e indagações. Porém a recolha, separação e identificação das imagens iconográficas iniciaram com a professora Lia Mostardeiro, que após cinquenta anos de sala de aula como alfabetizadora se dedicou à organização do imenso acervo fotográfico, por data, eventos<sup>6</sup> e nome dos estudantes e professores. Segundo Jacques e Almeida (2014, p. 4), muitas vezes, as escolas iniciam a organização de seus acervos intuitivamente, desse modo, se começa a recolher aquilo que estava disperso e organiza-se uma pasta, depois se expande para prateleiras de uma estante, papéis, fotografias, quase por curiosidade.

Nessa ideia de recolher o que estava disperso, foi necessária uma imersão no arquivo inativo da escola e nos diversos setores e salas do colégio. Além da separação, seleção e higienização dos documentos e objetos encontrados nesses espaços, foi imprescindível a realização de visitas a algumas instituições museológicas existentes na cidade de Porto Alegre e na região metropolitana<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> Também conhecido como arquivo morto.

<sup>6</sup> O acervo fotográfico compõe-se em torno de quatro mil imagens, desde as primeiras décadas do século XX. É importante destacar que a escola adota o registro anual das turmas, de alunos individualmente e dos eventos. Um exemplo é o livro sobre a professora Lia, que incluiu a foto das cinquenta turmas, com o nome de todos os alunos (ALMEIDA, 1999).

<sup>7</sup> No museu do Colégio Americano, nos deparamos com diversos objetos de coleção, os quais estavam expostos e identificados contendo aspectos que os caracterizassem, como por exemplo a mobília escolar, os uniformes antigos, a galeria de fotografias dos ex-diretores. No museu do Colégio Sinodal da cidade de São Leopoldo foi nos permitido visualizar as fichas para catalogação dos objetos e documentos, registros de doações e informações sobre reserva técnica. Assim, com estes aspectos observados nas visitas e de forma bastante intuitiva iniciamos a organização do Memorial.

Constituído o acervo, foi feita a inscrição do Memorial no Sistema Estadual de Museus/SEM, pertencente à primeira região museológica do Estado do Rio Grande do Sul, e no Sistema Federal (IBRAM<sup>8</sup>). Esse procedimento legal insere a instituição anualmente na programação da “Semana Internacional dos Museus”, que ocorre no mês de maio e na “Primavera dos Museus” promovida no mês de setembro.

Inicialmente o acervo foi ordenado e organizado a partir de um sistema de registro por letras e números, em cadernos e em pastas com as fichas - de doação e de tombamento. As fichas descrevem o material, facilitando sua localização nos armários e gavetas. As letras correspondem a todos os materiais escritos: revistas, jornais, informativos, relatórios, cartões, relatórios, contratos, atas, cadernos escolares, diários de professores, etc. A numeração de 1 a 1899 correspondem aos demais materiais, como por exemplo: máquinas de gabinetes, material de escritório, máquinas fotográficas, materiais do gabinete médico, instrumentos de laboratórios. Para cada número tem uma gradação em cores para identificação do objeto catalogado. Também foi adotado um caderno de registro de retirada de materiais; agenda de visitas.

Desde a sua criação em 05 de junho de 2002, o espaço físico do Memorial já passou por algumas transformações, as quais evidenciam sua consolidação como espaço de preservação, comunicação e pesquisa. Em 2002, ocupava uma sala na entrada da escola, considerando-se a quantidade significativa de documentos que já conservava. Essa sala estava dividida em dois ambientes: um com armários, com o acervo documental e outro para exposições. Quase dez anos depois, em abril de 2011, decorrente da ampliação do acervo e de suas funções, houve o aumento do espaço físico, com mais duas salas. O espaço foi reorganizado estabelecendo uma divisão entre reserva técnica e “espaço expositório”, que incluiu também objetos usados na Escola Técnica de Comércio (1950-1973). Com isso, os objetos e mobiliário escolar foram distribuídos, oportunizando a exposição de uma pequena sala de aula do primeiro ano do curso primário dos anos 1950 (BASTOS e JACQUES, 2014, p. 57-58).

No ano de 2013, decorrente das reformas no prédio administrativo da escola, o Memorial passou a ocupar novas instalações, projetadas especialmente para dar mais visibilidade às suas funções: museológicas, educacionais e de pesquisa. Atualmente, o

---

<sup>8</sup> Instituto Brasileiro de Museus.

espaço possui uma área de 90m<sup>2</sup>, dividido em três ambientes, por painéis que trazem os nomes dos alunos formandos, desde 1920: um espaço de trabalho, para a coordenação e os pesquisadores, com uma grande mesa, computadores, escâner e armário contendo parte do acervo documental; outro ambiente apresenta uma réplica da sala de aula da década de 1950 e contêm quatro carteiras escolares, mesa da professora, quadro de giz, lousa, bancos escolares, cartilhas, cadernos de alunos, caneta tinteiro, tinta, mata-borrão, estojo de lata para lápis de cor, globo; e, por fim, um espaço destinado ao atendimento das turmas de estudantes. O espaço também contempla armários e outros objetos da cultura escolar (orquestrola, coleção de discos de vinil, harmônio, relógios de parede, materiais pedagógicos e lúdicos que são utilizados nas aulas, almofadas para os alunos sentarem, quadro branco e projetor interativo).

Atualmente, parte do acervo está sendo digitalizado para melhor utilização pelos pesquisadores. Sobre esse processo, iniciamos a elaboração de um instrumento de pesquisa, um *inventário*<sup>9</sup>, que visa contribuir com as especificidades do Memorial do Colégio Farroupilha. Segundo Silva e Petry (2011, p. 21), o inventário incorpora num registro sistematizado materiais pedagógicos, documentos e registros iconográficos, expressões do fazer ordinário da escola, sem esterilizá-los, sem transformá-los em objeto qualquer que sofre os efeitos do registro burocrático, da pura contagem e classificação. A partir do inventário, compreendemos a informação museológica partindo do princípio do objeto como agente de informação e construtor de significados, e do espaço museológico como narrador deste (CASTRO, 1999, p. 13).

A intenção ao realizarmos o inventário do espaço museológico, além de ser um ponto de partida de transformar a informação em conhecimento, também se faz necessário

---

<sup>9</sup> O inventário realizado contempla os seguintes itens: I -Introdução, II -Mapeamento do Memorial do Colégio Farroupilha, III -Inventário da Documentação quanto ao seu gênero: 1.Acervo Iconográfico (AI): Fotografias, quadros, desenhos, plantas, mapas. 2. Acervo Escrito (AE): Periódicos, atas, relatórios, cadernos, livros, diário de professoras, correspondências, partituras, outros. 3. Acervo Filmográfico (AF): Películas cinematográficas, outros. 4. Acervo Sonoro (AS): Fitas, discos, Cds, outros. 5. Acervo Tecnológico (AT): Documentação administrativa, entrevistas, outros. 6. Acervo material (AM): Exposição permanente, exposição temporária, outros. IV – Política de Acesso e uso dos documentos. O modelo para elaboração deste inventário foi retirado do livro “Arquivo – teorias e práticas” de Marilena L. Paes (1997) e adaptado ao contexto do Memorial.



provocar a comunicação, como dispositivo de ativação da informação. De acordo com Silva e Petry (2011, p. 22), o depósito de informação, por mais bem que estruturado e organizado que esteja, não deixa de ser estático e incapaz, isoladamente, de produzir conhecimento. Portanto, o Memorial deve sempre dialogar com o seu público, e, por isso, a informação deve assumir novo papel no mundo contemporâneo funcionando como vetor de transformação, e o inventário passa a ser uma das estratégias que favorecerão este diálogo entre o acervo e o público.

Ao mesmo tempo em que o Memorial articula-se ao trabalho de mapeamento e registro do acervo existente, outras concepções vão surgindo e se faz necessário conciliar as transições, (re)pensar seu papel, objetivos e ações concretas. Nesse sentido, passa a assumir outras funções: a de espaço de aprendizagem e de pesquisa.

### **O memorial como espaço educativo e pedagógico**

Desde a sua criação, o Memorial vem se constituindo cada vez mais também como um espaço educativo pedagógico, expandindo-se das coleções ao fator humano nas instituições museológicas e demonstrando, por meio das diversas situações promovidas, o viés educacional em suas atividades.

Para organizar, dinamizar e qualificar o caráter educativo inerente a função pedagógica, é de suma importância a adoção de uma política educacional conectada ao projeto político pedagógico da escola e que oriente o desenvolvimento de um planejamento detalhado amparado nas matrizes curriculares. Por acreditarmos que os museus devem estar em constante movimento, é extremamente relevante maximizar a função educativa de seus acervos e atividades. Para Figurelli (2011, p. 118), estender as atuações da educação para os outros segmentos, suscitando debates, reflexões, alterações, renovações entre os colaboradores, promovendo melhorias nas atividades desenvolvidas e no desempenho da equipe, compreendendo a contribuição para o desenvolvimento do fazer museológico, é perceber o museu como um espaço – genuinamente – educativo.

Ao expandirmos a ideia de espaço pedagógico, o Memorial privilegia a aprendizagem por meio de oficinas e aulas temáticas contribuindo para a função educativa pautada em relações e interações com o público. Segundo Figurelli (2011, p. 119), o acesso a uma formação voltada para o contato com os espaços museológicos, estimula os

estudantes a olhar criticamente, a ler os objetos e os espaços, a identificar as mensagens subentendidas, a perceber o discurso oculto na expografia, a criar novos significados, relações e narrativas.

Muito além da visita guiada à exposição, a ação educativa precisa privilegiar a preparação para as “leituras da exposição”, direcionando suas iniciativas para a formação integral do ser humano. Assim, a ação educativa em museus, utilizando-se de textos, atividades, visitas, palestras, etc., deve ser capaz de potencializar a construção de conhecimentos do público em sua multiplicidade, desenvolvendo um olhar curioso e investigativo no contato com a instituição e os objetos ali resguardados, visando ampliar sua capacidade crítica (CHIOVATTO; AIDAR, 2007).

Nesse viés de proporcionar diferentes leituras em relação aos espaços museológicos, o Memorial, por meio da realização de oficinas, aproxima os estudantes e professores das diversas disciplinas do currículo, da Educação Infantil ao final do Ensino Médio.

Além das disciplinas de História e Geografia, a área da Matemática também é contemplada nas atividades pedagógicas. A oficina intitulada “Do detalhe à forma: o Colégio Geométrico”, tem como objetivo promover um estudo interdisciplinar a partir da análise das formas geométricas das edificações do Colégio Farroupilha presentes em fotografias antigas e atuais, com vistas a perceber o processo de transformação da arquitetura da cidade, ou seja, como o Colégio se insere nesse processo e como se desenvolve a patrimonialização dos edifícios. Em termos práticos, os estudantes (dos anos iniciais) recebem duas fotografias do colégio, uma antiga e uma atual, com o papel vegetal traçam à lápis as formas geométricas encontradas nas imagens, posteriormente apresentam o resultado aos colegas.

Também o estudo com imagens, além de ser um dispositivo de informação e formação oferece múltiplas possibilidades de leitura e não apenas serve como elemento ilustrativo dos textos. Assim, a utilização de fotografias como fonte de pesquisa e documento histórico tem se configurado como importante instrumento no processo de constituição da história de lugares e de pessoas. A oficina desenvolvida para os anos finais do ensino fundamental, intitulada “Retratos do tempo de escola: a pesquisa com fotografias antigas”, oportuniza aos estudantes trabalhar com a memória fotográfica do colégio, no sentido de divulgar e promover as origens da instituição e a produção de

conhecimentos a respeito da mesma; além disso, propicia aos estudantes oportunidades de diálogo, rememoração e reflexão com imagens, por meio da constituição de grupos e equipes de trabalho.

Enfim, são diversas oficinas e aulas temáticas desenvolvidas no Memorial que desde a sua fundação estiveram presentes neste espaço de memória. Nos últimos cinco anos, o Memorial já oportunizou mais de 20 temas para a realização das oficinas e aulas temáticas, recebeu em torno de 6000 estudantes e 200 professores.

Além dessas atividades, o Memorial realiza simultaneamente exposições temáticas e itinerantes. Em 2018, promoveu duas mostras itinerantes: a exposição “Memórias Compartilhadas: uma viagem pelas origens da ABE 1858” que apresenta a história da Associação Beneficente Alemã desde a chegada dos alemães em Porto Alegre, a fundação da sociedade alemã, a criação do Colégio Farroupilha, e a fundação dos espaços em que o Colégio e seus fundadores mantiveram relações entrelaçadas. Além de abordar a trajetória da ABE 1858, a mostra leva aos visitantes aspectos da história da educação e do Rio Grande do Sul, desde a imigração alemã em 1824, passando pelo crescimento da cidade de Porto Alegre.

A outra exposição itinerante intitula-se “A Escola Recordada: Do Velho Casarão às Três Figueiras. Porto Alegre/RS (1886-1961)”. A mostra consiste em mais uma atividade do grupo de pesquisa: “Entre Memórias e Histórias da escola do Rio Grande do Sul: Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (1858-2008)”, que completou 10 anos de trabalho em 2018. Com o objetivo de estudar a história da instituição, desde a fundação de sua mantenedora – ABE 1858 até hoje, apresentamos uma parcela do acervo que integra o Memorial do Colégio. A exposição compõe um mosaico de pluralidades de temas e artefatos da cultura escolar de uma época, suscitando debates e intercâmbios acadêmicos, fundamentais para o aprimoramento da ciência e para a difusão na sociedade como um todo. Essa exposição percorreu diversos locais e eventos da História da Educação realizados em Porto Alegre, São Leopoldo e Montevideu no Uruguai.

Como vimos, o Memorial desenvolve uma ação educativa permanente, dinâmica e sistemática. Essa ação vai de encontro ao que Figurelli (2011, p.128) destaca, ao pensar o museu enquanto processo educativo é necessário identificar as possibilidades de aprendizagem presentes nas tarefas cotidianas da instituição, colaborando com a

sociedade na qual está inserido. Segundo a autora, é preciso compreender que os museus possuem potencial para oferecer oportunidades educacionais para todos os públicos. É preciso identificar o caráter educativo presente na ação de preservação, comunicação e de pesquisa. Sobre este último item é o que trataremos a seguir.

### **Aproximações e possibilidades de pesquisa no espaço do Memorial**

Como espaço de coleção e de aprendizagem, os museus têm sido lugares profícuos como campo de ensino e pesquisa. Durante esses anos, o grupo realizou várias pesquisas e vem refletindo acerca de diferentes aspectos dessa instituição de ensino. Também analisa a(s) cultura(s) ou o(s) elementos desse espaço educativo e escolar, descrevendo e problematizando seus atores, os aspectos organizativos e institucionais, as práticas pedagógicas, o entorno físico-material. Ou seja, tudo aquilo que contribui para caracterizar a escola como instituição histórica.

Em 2013, publicamos a primeira coletânea de estudos do Grupo de Pesquisa. E, no ano de 2015, ao celebrar o centésimo vigésimo nono aniversário do Colégio Farroupilha e o décimo terceiro ano do Memorial, publicamos o segundo volume que reúne uma série de estudos sobre a história da escola, apresentando investigações sobre diversas perspectivas, relatando e indagando os documentos/monumentos<sup>10</sup> acerca dos elementos que os revestem: atores, discursos, aspectos organizativos e institucionais, entorno físico-material, currículo, disciplinas, educação feminina e educação masculina.

Além das duas obras publicadas, o grupo vem participando de diversos eventos, congressos e simpósios regionais, nacionais e internacionais, caracterizando o Colégio Farroupilha como instituição historicamente construída.

Outra ação educativa, é realizada em parceria com as universidades, com estudantes de Pedagogia, História, Matemática e demais licenciaturas, no qual elege-se o Memorial como lócus de investigação.

---

<sup>10</sup> A memória coletiva e a sua forma científica, a história, aplicam-se a dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos. De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. Estes materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador. (LE GOFF, 1990, p. 535)

A pesquisa histórica é um dos caminhos para que o museu possa contribuir, efetivamente para o desenvolvimento sócio-cultural. Sendo assim, nenhum pesquisador pode tratar seu objeto de pesquisa como coisa inerte. Desse modo, o acervo do Memorial além de oportunizar o acesso aos estudantes da cidade de Porto Alegre/RS, também tem proporcionado ao longo deste tempo, para que várias universidades usufruam do acervo.

Atualmente o Memorial tem se preocupado em ampliar o seu acervo, a partir da realização de entrevistas com ex-professores, ex-alunos sobre sua trajetória e experiências escolares. Desse modo, nos desafiamos a constituir um acervo de História oral o que irá permitir reconstruir fragmentos da instituição, a partir do registro da vida dos professores, diretores estudantes, [e de suas memórias], de suas maneiras de ser e ensinar.

### **Considerações finais**

Compreender as ações educativas nos museus e, neste caso, no Memorial do Colégio Farroupilha significa ir além da concepção ingênua que se debruça sob os artefatos de maneira saudosista e simplória, na qual, muitas vezes, as coleções são dispostas apenas à contemplação, seguidas de pequenas notas explicativas a respeito da materialidade do objeto. O interesse em atrelar a documentação às atividades educativas está no reconhecimento destes elementos como um importante instrumento da aprendizagem, visto que a materialidade escolar nos provoca questionamentos que impulsionam a construção histórica.

A maneira como o Memorial é lido e interpretado relaciona-se com as experiências, objetivos e interesses dos indivíduos que a ele se dirigem. Assim, a consolidação da sociedade escolar baseia-se na construção de uma memória, história e identidade compartilhada. O espaço museológico do Memorial do Colégio Farroupilha, pode compreender um universo que, ao mesmo tempo, se mostra familiar e distante. As peças das coleções são vestígios e representações de outras épocas, amostras de um passado, muitas vezes não vivido pelo sujeito que o observa, mas compreendido por seus precedentes, pela sua comunidade, pelos estudantes que lá estavam antes daquele que hoje ali estuda. Dessa forma, a materialidade é revestida de representações simbólicas, de ideias e imagens. A política de conservação é despertada a partir da interlocução com os grupos e a pesquisa.

As investigações, que trazem à tona a relação da cultura material com o cotidiano escolar, encontram no Memorial um ambiente favorável à pesquisa, tendo em vista as diferentes possibilidades de investigação que viabiliza. Para Bastos e Jacques (2014, p. 72), o permanente diálogo do pesquisador (e de suas teorias) com as fontes resulta na produção do conhecimento científico. Assim, os objetos e documentos que dormiam já não mais estão sós. Aos poucos, eles foram sendo despertados e ressignificados, voltando a viver a partir de novos sujeitos.

As investigações realizadas no Memorial procuram produzir narrativas que atendam desde os estudantes dos anos iniciais até a universidade, compreendendo que o mesmo só tem significado à medida que se conecta com a sociedade. Zancul (2015, p. 119), afirma que a valorização do patrimônio histórico-educativo está ligada ao conhecer, entender e divulgar a importância cultural e social da instituição escolar. Atualmente, a comunicação, entre a comunidade escolar e acadêmica, acerca das atividades desenvolvidas no espaço do Memorial, além das visitas realizadas também coloca à disposição os recursos midiáticos alternativos como as redes sociais.

Assim, fertilizar o debate sobre as potencialidades do patrimônio histórico-escolar, tendo como objeto o Memorial do Colégio Farroupilha, é ir além do espaço físico de contemplação, pois por meio das redes sociais estamos conectados e interagindo, em grande parte com o que é promovido e desenvolvido com e para a comunidade a qual pertence.

O processo de constituição do Memorial resulta da conscientização do público e dos dirigentes da escola em manter e aprimorar este lugar de memória. Com isso, a documentação sofreu um processo de recuperação, higienização, guarda, e inventariação que contribuiu efetivamente para o desenvolvimento de diversas análises no campo da História da Educação, em suas interfaces com outras áreas do conhecimento.

O trabalho desenvolvido no Memorial não se encerra nestes feitos. Os projetos que estão em processo são o resultado de um planejamento que vislumbra novos horizontes, como por exemplo, o desenvolvimento de um acervo de fontes orais, a digitalização do acervo fotográfico e de um catálogo on-line, que permita realizar consultas à documentação. Há uma preocupação em continuarmos com as propostas que caracterizaram nossas ações iniciais, mas também há um desassossego que nos instiga a

“pensarmos fora da caixa”. As práticas realizadas no Memorial, ainda que se detenham sobre objetos do passado adquirem uma prerrogativa contemporânea, assim se engana quem diz que “quem vive de passado é o Museu”.

### **Referências**

ALMEIDA, Dóris B. O Caminho das Letras: os cinquenta anos de alfabetização de Lia Mostardeiro. Porto Alegre: Ed. ABE, 1999.

BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni. Liturgia da memória escolar: Memorial Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha 2002. Revista Linhas, Florianópolis, v.15, n.28, jan/jun 2014. p. 49-76.

CASTRO, Ana Lucia Siaines de. Informação museológica: uma proposição teórica a partir da Ciência da Informação. In: PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro (Org.). Ciência da Informação, ciências sociais e interdisciplinaridade. Brasília; Rio de Janeiro: IBICT, 1999, p. 13-31.

CHIOVATTO, Milene; ADAIR, Gabriela. Ação educativa em museus. In: PARK, Margareth; FERNANDES, Renata; CARNICEL, Amarildo. (Orgs.). Palavras-chave em educação não-formal. Holambra/Campinas: setembro/Unicamp-CMU, 2007.

FARGE, Arlette. O sabor do arquivo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FIGURELLI, Gabriela Ramos. Articulações entre educação e museologia e suas contribuições para o desenvolvimento do ser humano. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unírio/MAST – vol.4 n.2, 2011.

FISCHER, Beatriz Daudt (Org.) Tempos de escola. Memórias. V. 1 e v. 2. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber livro, 2011.

FISCHER, Beatriz Daudt (Org.) Tempos de escola. Memórias. V. 3. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber livro, 2012.

GUARNIERI, Waldisa. O conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. Cadernos museológicos, Rio de Janeiro: IBPC, n.3, 1990, p. 7-12.

JACQUES, Alice Rigoni; ERMEL, Tatiane de Freitas. O velho casarão, um estudo sobre o Knabeschule des Deutscher Hilfsverein/Colégio Farroupilha (1895-1965). In:

**ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**

BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (Org.). Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: Memórias e histórias (1858 – 2008). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. p. 92-110.

JACQUES, Alice Rigoni; BITTENCOURT, Dóris Almeida. Acervo Escolar do Colégio Farroupilha: lugar de ensino e de pesquisa. XI Congresso Iberoamericano de Historia de la educación Latinoamericana. México, 2014.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas/SP: Editora UNICAMP, 1990.

NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. IN Pierre NORA (Org.). Les lieux de mémoire. Paris: Gallimard, [1984] ;\_La République, v. 1 p.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.

NOSELLA, Paulo; BUFFA, Ester. Instituições escolares: por que e como pesquisar. Campina, SP: editora Alínea, 2009.

PAES, Marilena Leite. Arquivo – Teorias e Práticas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Museu e Educação: conceitos e métodos. Simpósio Internacional Museu e Educação: conceitos e métodos, agosto 2001.

SILVA, Vera Lúcia Gaspar da; PETRY, Marília Gabriela. A aventura de inventariar: uma experiência no Museu da Escola Catarinense. Revista Brasileira História da Educação, Campinas-SP, v.11, n.1 (25), p. 19-41, jan; abr.2011.

ZANCUL, Maria Cristina de Senzi. Patrimônio educativo e patrimônio histórico-científico no Brasil: alguns apontamentos. Museologia e Patrimônio – Unirio –MAST. V.8, n.2, 2015, p. 104-122.